

Surpresa com o possível apoio de Larosière

por Reginaldo Heller
do Rio

Ainda sem informações que confirmassem a notícia que circulou, ontem, em meios financeiros novaiorquinos, segundo a qual o diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière, teria enviado telex ao comitê de assessoramento sugerindo a liberação da segunda parcela do empréstimo-jumbo negociado no início do ano com os bancos privados e a prorrogação do empréstimo-ponte concedido no ano passado, algumas fontes, geralmente bem informadas, apenas puderam especular em torno das eventuais circunstâncias da brusca e repentina mudança de posição do FMI.

Segundo um banqueiro com livre trânsito no mercado financeiro internacional, a notícia causou alguma surpresa, pois todas as informações anteriores confirmavam que o diretor do FMI não enviaria o telex que o governo brasileiro vem pedindo enquanto o acordo não fosse acertado.

As hipóteses aventadas para decisão residem em uma possível negociação, neste último final de semana, entre o ministro Delfim Netto, do Planejamento, e autoridades do governo americano e até o próprio contato telefônico mantido entre o presidente dos Estados Unidos, Ronald Rea-

gan e o presidente João Figueiredo.

Até então, o que se sabia no mercado financeiro internacional era que o diretor do FMI não tinha intenção de fazer nenhuma concessão neste sentido e até mesmo teria evitado um encontro solicitado pelo presidente do Banco Central, Carlos Langoni, em sua última viagem a Washington.

Também era sabido que dos encontros mantidos com Paul Volcker, do FED, e Donald Regan, do Tesouro americano, o presidente do Banco Central não teria avançado nas negociações. Um outro raciocínio desenvolvido nos meios financeiros é de que, não podendo realizar nenhum empréstimo-ponte, o governo americano estaria negociando veladamente com as autoridades brasileiras condições que lhes assegurassem margem de manobra junto aos credores privados, e ao FMI, para evitar que a situação crítica dos atrasos nos pagamentos dos juros atingisse um ponto insuportável. Isto porque o acordo com o FMI poderia levar algum tempo, suficiente para agravar a situação do País de tal ordem que as próprias negociações estariam sofrendo sério risco.